

Os “eus” nas memórias narradas de Graciliano Ramos

Gabriela Pacheco Amaral⁵

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Recebido em: 31/03/2017

Publicado em: 01/08/2017

Resumo

O objetivo do presente trabalho é analisar os múltiplos “eus” que podem ser observados em duas autobiografias de Graciliano Ramos, *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (1980). Em *Infância*, as memórias narradas correspondem a infância do autor até os 14 anos. Já em *Memórias do Cárcere*, obra póstuma, são contadas as lembranças do autor enquanto o mesmo estava preso na época da ditadura. Acreditamos que no processo de escritura de uma autobiografia, as memórias relembradas e contadas podem servir para um processo de afirmação do “eu” do autor. Nesse caso, a afirmação do “eu” de Graciliano Ramos será observada por intermédio dos posicionamentos do autor. Para isso, em um primeiro momento iremos conceber a noção de memória sob a ótica de HALBWACHS (2006), para investigar como o “eu” do passado, em *Memórias do Cárcere*, será narrado a partir dos conceitos de memória individual e memória coletiva. Em um segundo momento, sob a luz de MACHADO (2014), iremos analisar como revelam-se diversos “eus” do autor a partir das memórias narradas em *Infância*.

Palavras-chave

Memória. Eus. Análise do Discurso. Graciliano Ramos.

⁵ Doutoranda em Estudos Linguísticos do Texto e do Discurso na área da Análise do Discurso

1 Um pouco sobre a vida de Graciliano Ramos

Graciliano Ramos nasceu em Alagoas, no ano de 1892, em um período de transição da política brasileira, já que nessa época a República tinha sido proclamada somente há três anos, em 1889. A situação do Brasil era um resultado de muitas crises econômicas e disputas políticas que geravam muitas incertezas para o futuro dos brasileiros. Com o surgimento dessa nova forma de governo, desencadeou-se uma descentralização econômica e financeira que foi propícia para a imersão do capitalismo no país, beneficiando principalmente as oligarquias cafeeiras.

De acordo com Moraes (1992), na terra natal de G. Ramos, o Nordeste, a economia estava centrada na cana-de-açúcar. Com o tempo, houve um declínio da economia canavieira que alterou a base de ordem política e social: de um lado, dominavam os coronéis do algodão e da pecuária; de outro, o Estado oligárquico se tornava o agente e a forma de estrutura do poder.

O pai do romancista, Sebastião Ramos de Oliveira, estava bem distante do império dos canaviais. Era um senhor do engenho arruinado que mantinha uma loja de tecidos e, posteriormente, deixou o ramo do comércio para começar a trabalhar com a criação de gado, depois comprou uma fazenda onde foi morar com a família. Nesse período, veio a seca e várias mortes dos animais da propriedade. Então, a solução encontrada pelo patriarca foi abandonar a fazenda e voltar para o comércio.

Tendo em vista o que foi dito, podemos perceber como foi o contexto social e histórico que envolveu Graciliano Ramos: cheio de crises, incertezas, secas e mortes. Situações essas que podem ter contribuído para que o autor adotasse um estilo literário pleno de posicionamento ideológico em seus romances, pois como bem postula Brunacci (2008, p. 27), “O escritor é, antes de tudo, um ser social”.

O posicionamento de Graciliano Ramos pode ser percebido por meio de algumas pistas deixadas no fio do discurso e do estilo por ele adotado. Notamos que o escritor aborda questões de desigualdade social, injustiças e pessimismo quanto ao país em seus romances. Levando em consideração a forma e o conteúdo, ou seja, a relação entre a estética e a ideologia que compõem o romance, podemos considerar que a visão de mundo do romancista é transmutada para seu estilo literário. Isto porque, o escritor não se vale de uma linguagem rebuscada, mas sim uma linguagem de poucas palavras que representam a realidade da sociedade e, por isso, tem preferência pelo realismo literário. Preferência essa que ele justifica em suas próprias palavras:

O realismo rompendo a trama falsa do idealismo, descreve a vida tal qual é, sem ilusões nem mentiras. Antes a nudez forte da verdade que o manto diáfano da fantasia [...]. Mas, que querem? A parte boa da sociedade quase não existe. De resto, é bom a gente acostumar-se logo com as misérias da vida (RAMOS *apud* MORAES, 1992, p. 23).

Nas primeiras obras, o romancista já mostra o posicionamento ideológico em seus escritos. Aos doze anos, quando fazia parte da fundação do jornal infantil *Dilúculo*, estreia como escritor do conto *Pequeno Mendigo*. O protagonista principal e a temática do conto já deixam perceber qual seria o viés ideológico e literário deste. O que convenhamos, trata-se de uma abordagem literária um pouco incomum para a faixa etária do autor, mas que de qualquer forma, já mostra a sensibilidade da visão de mundo do pequeno escritor para as desigualdades sociais e financeiras da população de sua cidade.

Para o romancista, todo escritor deveria “[...]refletir a sua época e iluminá-la ao mesmo tempo” (MORAES, 1992, p.171). Ou seja, ele acreditava ser necessário a existência de uma ligação direta das obras com o contexto social e histórico no qual todo escritor se insere. A abordagem de G. Ramos em seus romances irá assim abranger as questões sociais, levantando aspectos das condições de vida dos brasileiros no campo e na cidade. Por conseguinte, seus escritos são permeados por uma ideologia pessimista que retrata o subdesenvolvimento da nação.

Diante do breve relato da vida de Graciliano Ramos, podemos considerar que desde a infância até a vida adulta o escritor demonstrou interesse por questões sociais de desigualdade e de injustiças com os demais sujeitos da sua cidade e do país. Esse engajamento social e político, que o mesmo adquiriu em toda sua experiência de vida, pode ser percebido em duas autobiografias do autor: *Infância* e *Memórias do Cárcere*. Em ambos os romances moldados a partir das memórias do autor, inferimos diversos posicionamentos que se apresentam de forma explícita ou implícita no discurso. Essas memórias narradas ao leitor possibilita-nos uma possível interpretação dos “eus”, de Graciliano Ramos. Antes de partirmos para a análise dessas memórias em alguns trechos extraídos dos romances, doravante iremos discorrer sucintamente sobre a noção de memória que iremos adotar neste artigo.

2 A memória sob a perspectiva da Análise do Discurso

A noção de memória, na Análise do Discurso, já estava presente desde os postulados sobre o interdiscurso propostos por Pêcheux. O interdiscurso é algo que já foi dito

antes e em outro lugar, desse modo, conforme Orlandi, “o interdiscurso é uma memória discursiva no sujeito” (ORLANDI, 2001, p. 31).

Com esse pressuposto de que o interdiscurso consiste em já ditos evocados por outros discursos, somos levados a lembrar dos estudos de Bakhtin (2002) sobre o dialogismo. De acordo com este autor, todo enunciado comporta em si outros discursos, outras vozes, outros pontos de vistas que são transpassados e são enunciados em diferentes situações e em diferentes épocas. Toda essa multiplicidade de discursos estaria na memória do sujeito. Nesse sentido, a memória discursiva opera de forma dialógica entre o interior e o exterior do sujeito. Pois, o indivíduo em seu meio social estará em contato com as múltiplas vozes que são proferidas por outros sujeitos. Será aí, então, nessa interação que as vozes podem ser internalizadas na memória do indivíduo.

Para o sociólogo Maurice Halbwachs (2006), o sujeito é dotado tanto de uma memória individual quanto de uma memória coletiva. De acordo com o mesmo, na memória coletiva estarão presentes as memórias individuais do sujeito. Ou seja, na lembrança mais íntima do sujeito haverá pontos de referência que são externos a ele. Nessa perspectiva, “o individual na memória do sujeito estará nas sensações, nas emoções e nos sentimentos desse sujeito quanto ao momento lembrado” (HALBWACHS, 2006, p. 36).

Compreendemos que a noção de memória de Halbwachs se assemelha com alguns postulados da Análise do Discurso, principalmente com as questões do dialogismo de Bakhtin. Já que para Halbwachs, a memória individual não pode ser considerada exclusivamente em uma ótica individual, visto que sempre no âmago do sujeito haverá vozes vindas de outros sujeitos, trata-se de:

É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p.16).

A memória, que apresenta uma dimensão individual e uma dimensão coletiva, é carregada de crenças e de imaginários do sujeito em relação a si próprio, aos outros e ao mundo. Ademais, compreendemos também que a memória e as crenças podem demonstrar alguns efeitos de emoção que podem ser analisados no fio do discurso. Consideramos com Santos (2010, p. 113) que “a memória é uma re-significação de episódios do passado atravessados por emoções que remetem às práticas identitárias do sujeito”. Assim, de acordo com o pesquisador, para entender os efeitos da emoção na memória é necessário identificar os saberes de crença do sujeito.

O ato de narrar, de contar para outros sujeitos os fatos do passado é uma prática discursiva que ocorre, provavelmente, desde que o homem passou a viver em sociedade. Podemos notar que o sujeito tem a necessidade de compartilhar suas experiências vividas com o outro, seja na euforia de um filho ao contar como foi o primeiro dia de aula, seja na vontade de compartilhar ou justificar para alguém o motivo de o sujeito sentir angústia, tristeza, alegria, raiva.

As sensações, emoções ou sentimentos que fazem com que o sujeito ative algum acontecimento do passado podem ser entendidos como a dimensão da memória individual no discurso, pois esta constitui o modo íntimo como esse sujeito se sentiu no passado ou como se sente ao lembrar-se no momento de contar sobre suas memórias.

A memória coletiva pode ser delineada no discurso ao pensarmos que na medida em que o escritor tem um projeto de escritura, na qual as memórias serão discursivizadas, poderá haver alguns traços da realidade do autor implícitos ou explícitos no fio discursivo, que deixam transparecer o contexto social e histórico, bem como suas posições ideológicas. E será esse contexto, crenças, ideologias e vozes que irão revelar a dimensão da memória coletiva no discurso de uma narrativa de vida.

Em resumo, podemos compreender que a memória possui uma dimensão íntima e individual que apresenta os sentimentos e as sensações que o sujeito sentiu nos acontecimentos do passado. Na memória, há também uma dimensão coletiva na qual estarão presentes saberes de crença, ideologias e posicionamentos. Podem ser observados, aliás, outros sujeitos e outras vozes no discurso de memória.

3 As vozes na memória

O escritor ao realizar suas narrativas com fatos/menções referentes à vida do mesmo, misturam-se no discurso diversas outras vozes. De acordo com Machado (2016), há uma identidade narrativa, ou seja, quando alguém narra acontecimentos da sua vida, este alguém mescla a identidade à alteridade e sua narrativa se mostra então repleta de múltiplas outras vozes. Ainda segundo Machado (2016), a identidade individual se mostra assim ligada às identidades coletivas e conduz às narrativas de vida: ainda que o sujeito-narrador tenha a ilusão de ser o único das suas aventuras ou desventuras, mesmo assim estará um outro imbricado a essa memória. A história narrada por um sujeito sempre estará interligada com diversas histórias alheias.

Machado (2016), adepta dos pensamentos bakhtinianos, afirma que nos sujeitos-comunicantes aflora um dialogismo que os comanda. Para exemplificá-la, a autora mergulha no conceito de memória coletiva, de Halbwachs. A linguísta tenta ilustrar como o “eu” nunca é só em sua narrativa, como ele se faz acompanhar por outros “eus” (ligados ao pensamento coletivo). Machado (2015) utiliza então o exemplo dado pelo próprio Halbwachs:

Lá, um amigo pintor o acompanha e chama sua atenção para as cores e os tons da cidade, dos jardins. Um amigo arquiteto, que também ali se encontrava, lhe mostra a grandiosidade das construções. Também se depara com um amigo comerciante que lhe apresenta o centro comercial de Londres, suas lindas lojas e a vibração que reina na *City*. Por fim, um amigo historiador vai narrar-lhe acontecimentos importantes da história de Londres. O fato mais intrigante é que, na verdade, o viajante-protagonista Halbwachs passeava sozinho em Londres. Os ‘amigos’ que lhes mostravam isso ou aquilo e que com ele dialogavam, poderiam ser representados pela coletividade de saberes que o protagonista havia já armazenado sobre Londres (MACHADO, 2015, p.9).

A polifonia interna (ou o dialogismo) que acontece no caso da viagem do sujeito-enunciante é produto da coletividade de saberes, de conhecimentos e de sensações que outros viajantes já tiveram sobre Londres e que foram por ele incorporados. Por conseguinte, Machado (2015) nota que houve um desdobramento dos “eus” do autor, ocasionado por uma memória coletiva que já existia sobre a cidade. Em um mesmo sujeito, surge um “eu” que assume a identidade de um pintor, depois um outro “eu” com a identidade de arquiteto, posteriormente um “eu” como comerciante e, por fim, um “eu” como historiador.

Em um gênero como a narrativa de vida, ou a autobiografia,⁶ há também essa “polifonia interna”, já que ao narrar sobre seu passado, inevitavelmente estarão presentes e em constante diálogo o “eu” do passado com o “eu” do presente (MACHADO, 2014).

Enfim, o sujeito é heterogêneo por natureza e, por isso, sempre em seu íntimo haverá uma multiplicidade de vozes que possivelmente dialogam-se, refutam-se, opõem-se e complementam-se. Dessa maneira, na memória será possível observar como se manifestam as vozes do sujeito ao contar sobre si e sobre o outro e como ocorre um desdobramento desse sujeito entre o “eu” do passado e o “eu” do presente.

Diante dessas considerações sobre memória e polifonia do/no sujeito, partiremos então para as análises dos excertos retirados das duas autobiografias de Graciliano Ramos.

⁶ Os termos “narrativa de vida” e “autobiografia” serão tomados como sinônimos neste trabalho.

4 Os desdobramentos dos “eus” de Graciliano Ramos, em *Memórias do Cárcere*

O livro *Memórias do Cárcere* é uma obra póstuma na qual Graciliano Ramos narra sobre o período em que esteve preso por acusações de participar do movimento comunista no Brasil. O escritor relata alguns sentimentos e sensações que sentiu momentos antes de ser preso e também durante a prisão. Dentre essas lembranças que relatam os sentimentos do escritor antes de ser preso, selecionamos dois trechos para análise, eis o primeiro:

No começo de 1936, funcionário na Instrução Pública de Alagoas, tive a notícia de que misteriosos telefonemas, com veladas ameaças, me procuravam o endereço. [...] [...] Se todos os sujeitos perseguidos fizessem como eu, não teria havido uma só revolução no mundo. Revolucionário chinfrim. Desculpava-me a ideia de não pertencer a nenhuma organização, de ser inteiramente incapaz de realizar tarefas práticas. Impossível trabalhar em conjunto. As minhas armas, fracas e de papel, só podiam ser manejadas no isolamento (RAMOS, 1980, p. 14).

Antes de iniciar as lembranças que serão contadas para o leitor, o romancista faz uma referência sobre os dados históricos e se localiza no tempo e na posição social que ocupava. Ao escrever sobre fatos da sua vida, G. Ramos aciona uma memória individual que está carregada de uma memória coletiva, já que nestas lembranças há a presença de outras vozes, de outros discursos que circulam na sociedade, como por exemplo, podemos citar as vozes das pessoas perseguidas pela ditadura, dos revolucionários, e etc. Ademais, o romancista se inscreve em diversos grupos sociais, tanto de ordem de posição social quanto de posição ideológica e de crenças. Isso que podemos inferir no momento em que ele se identifica com o grupo de funcionários na Instrução Pública de Alagoas e com as características de identidade de um grupo de pessoas perseguidas e de revolucionárias frente ao governo. O escritor também se identifica com o grupo de autores que usam a literatura para agir contra o governo. Nesse sentido, entendemos que a memória coletiva de G. Ramos está atrelada aos múltiplos papéis identitários que ocupava no passado.

Os acontecimentos ao serem lembrados e narrados pelo autor são carregados de crenças, de imaginários e de emoções. Essa consideração pode ser feita ao observarmos que quando G. Ramos se caracteriza como um “revolucionário chinfrim” e “inteiramente incapaz de realizar atividades práticas” (RAMOS, 1980, p. 14), o mesmo constrói para si a imagem de uma pessoa que não consegue lutar fisicamente igual a alguns colegas comunistas. Vale ressaltar que G. Ramos era contra o governo na época da ditadura e apresentava ideais comunistas revolucionários. Dito isso, a memória do autor é uma dialética entre a memória individual e a memória coletiva em que ambas estão afloradas de crenças e de imaginários,

pois o romancista apresenta seu ponto de vista ao se descrever e apresentar uma imagem de si (“revolucionário chinfrim”) que vai em contraste com um grupo social que apresenta características identitárias de revolucionários mais ativos e impetuosos. Em síntese, no universo de crenças do autor há o imaginário de que as pessoas revolucionárias precisam sustentar um tipo de comportamento mais ativo, com “atividades práticas” na revolução. Por conseguinte, a imagem que G. Ramos constrói de si próprio não apresenta uma identificação plena com a de um grupo social de revolucionários.

Partiremos agora para o segundo trecho de *Memórias de Cárcere* que pode revelar os sentimentos e as preocupações do escritor nordestino quanto a prisão que estava para concretizar-se:

Naquele momento a ideia da prisão dava-me quase prazer: via ali um princípio de liberdade. Eximira-me do parecer, do ofício, da estampilha, dos horríveis cumprimentos ao deputado e ao senador; iria escapar a outras maçadas, gotas espessas, amargas, corrosivas. Na verdade suponho que me revelei covarde e egoísta: várias crianças exigiam sustento, a minha obrigação era permanecer junto a elas, arranjar-lhes por qualquer meio o indispensável (RAMOS, 1980, p.18).

A memória narrada por G. Ramos é constituída por uma memória coletiva e uma memória individual. Na memória coletiva deparamo-nos com a presença do dialogismo constituinte em todo discurso e em todo sujeito. Ou seja, nas lembranças do autor, há a presença de outros sujeitos e de outros grupos sociais, como por exemplo, o grupo de políticos ao qual desejava esquivar-se e o grupo de crianças que ele pensava em ajudar. Com a memória coletiva, é possível delinear os papéis identitários que o romancista deseja não ocupar com a possibilidade da prisão, principalmente em “eximira-me do parecer, do ofício, da estampilha, dos horríveis cumprimentos ao deputado e ao senador [...]” (RAMOS, 1980, p.18).

Na memória individual deparamo-nos com um desdobramento que ocorre na relação entre os saberes de crença e a emoção. Nesse sentido, os saberes de crença que podem compor a lembrança do romancista são estruturados por um discurso no qual notamos o ponto de vista e o julgamento do sujeito falante. Este saber de crença pode ser observado quando o autor revela uma apreciação por estar preso e que por esse motivo estaria livre de atividades e encontros que lhe causavam desgostos. Todavia, ao estar preso, não poderia dar auxílio às crianças necessitadas ao seu redor. Por conseguinte, observamos uma polifonia interna no autor em que podemos inferir, no mínimo, dois “eus-internos”. G. Ramos demonstra ter um “eu-interno-esquivo” aos encontros indesejáveis, como também pode transparecer um “eu-interno-engajado” com os problemas sociais das crianças do seu meio social.

Compreendemos, portanto, que nessa polifonia interna há a inserção dos papéis identitários que produzem um paradoxo efeito de alegria e de vergonha. A alegria por estar longe dos sujeitos que não lhe agradam e a vergonha por sentir prazer em estar preso e, assim, não ajudar aos demais. Desse modo, com a alegria há uma satisfação quanto a condição e a posição social de presidiário. Já com a vergonha, pode revelar-se um julgamento sobre a imagem que ele faz de si.

5 Os desdobramentos dos “eus” de Graciliano Ramos, em *Infância*

Infância é uma autobiografia, ou uma narrativa de vida que apresenta as aventuras da meninice de G. Ramos: seu doloroso processo de alfabetização; a primeira visão de um cadáver; a primeira paixão; as primeiras injustiças; e as diversas punições. Em alguns fatos narrados, notamos como a identidade do romancista se desdobra em diversos “eus” que são repletos de outras vozes. Trata-se de uma experiência, ainda na fase escolar inicial, sobre a leitura de um livro de literatura do Barão de Macaúbas, que contava a história de um menino que a caminho da escola conversa com passarinhos. O jovem personagem do livro questiona a linguagem utilizada no livro:

Forma de perguntar esquisita, pensei. [...] O que ele intentava era elevar as crianças, os insetos e os pássaros ao nível dos professores. [...] Infelizmente um doutor, utilizando bichinhos, impunha-nos a linguagem dos doutores.

– Queres tu brincar comigo?

O passarinho, no galho, respondia com preceito e moral. E a mosca usava adjetivos colhidos no dicionário. A figura do barão manchava o frontispício do livro – e a gente percebia que era dele o pedantismo, atribuído à mosca e ao passarinho. Ridículo um indivíduo hirsuto e grave, doutor e barão, pipilar conselhos, zumbir admoestações (RAMOS, 2008, p. 108).

Notamos que dois “eus” do romancista se imbricam: o “eu” do passado, da infância, e o “eu” do presente. O “eu” do passado relembra as histórias que lia e a dificuldade de aceitar a linguagem que até então era desconhecida para ele. Já o “eu” do presente, o “eu” do momento do processo de escritura, analisa e faz reflexões sobre essa dificuldade de entender a linguagem pouco usual em seu cotidiano.

O posicionamento sobre a dificuldade que a forma sintática, “– Queres tu brincar comigo?” (RAMOS, 2008, p. 108), causa em Graciliano Ramos pode ser considerada como uma reflexão que se baseia em seu trabalho de escritor e de professor, portanto possui e mostra uma ideologia que pertence ao “eu” do presente. Nesse caso, percebemos como o trabalho está imbricado nas memórias de vida do romancista, pois ao passo em que ele vai

contando os fatos passados, neles misturam-se o contexto social e histórico do presente. Trata-se de uma voz ideológica que vai contra o uso de uma linguagem que a população em geral não usa no cotidiano e que, por consequência, o “eu” do presente de G. Ramos pensa que poderá dificultar o ensino/aprendizagem da língua. Não é que o escritor defenda que não se deva ensinar gramática na escola, pelo contrário, é um autor que preza por uma escrita impecável em termos gramaticais. Mas ao mesmo tempo, acredita que a linguagem ensinada deve aproximar-se ao uso cotidiano das pessoas e não a uma forma idealizada pelo escritor do livro que o menino-personagem de *Infância* lia, exemplificada aqui pela frase “Queres tu brincar comigo?” (RAMOS, 2008, p. 108).

As críticas que Graciliano Ramos faz ao longo do excerto acima, possibilita-nos inferir que no discurso há uma dialética entre a memória individual e a memória coletiva. Com a memória individual, são lembrados fatos do passado a partir de emoções íntimas causadas pelo livro lido na infância pelo romancista. Nesse sentido, será a dificuldade de aprendizagem que o menino Graciliano Ramos tinha com a leitura que nos permite perceber a memória individual. Diante desse fato, podemos perceber a voz do passado nas emoções íntimas que o escritor, enquanto criança, sentia ao deparar-se com o livro infantil que apresentava uma linguagem rebuscada.

Já com a memória coletiva, conseguimos notar outras vozes e outros contextos que estão envolvidos no discurso. Outras vozes podem ser analisadas com a inserção da descrição qualitativa que o romancista faz ao autor do livro infantil, como em “ridículo um indivíduo hirsuto e grave, doutor e barão [...]” (RAMOS, 2008, p. 108). Nessa qualificação, é possível inferir que não será mais a voz do menino Graciliano que discursa, mas sim a voz de Graciliano enquanto escritor, professor e crítico. Assim, adentra-se no discurso a memória coletiva por meio da experiência de vida, os saberes de crenças e as ideologias que o romancista adquiriu com estas posições sociais, citadas acima, e com a inclusão de outrem por meio da figura do autor do livro infantil, Barão de Macaúbas. Ao depararmos com a memória coletiva que envolve em si outras vozes e outros sujeitos, também será possível inferir a voz de avaliação e julgamento de Graciliano Ramos quando o mesmo insere um posicionamento sobre o estilo do autor, principalmente ao utilizar o termo “ridículo”.

Em outros momentos em *Infância*, também é possível identificar a crítica que o romancista faz acerca da linguagem usada para o ensino do português na escola. São enunciados que lhe causam muitas dúvidas, como em:

[...] ‘A preguiça é a chave da pobreza – Quem não ouve conselhos raras vezes acerta – Fala pouco e bem: ter-te-ão pro alguém.’

Esse Terteão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página final da carta. As outras folhas se desprendiam, restavam-me as linhas em negrita, resumo da ciência anunciada por meu pai.

– Mocinha, quem é o Terteão? (RAMOS, 2008, p. 93).

Podemos observar que Graciliano Ramos serve-se de um sujeito-enunciador irônico para criticar a linguagem utilizada nestas aulas, para isso relembra a dificuldade que teve para entender o significado da estrutura “ter-te-ão” em sua infância. Pelo fato de não ter presenciado o uso de tal expressão em seu cotidiano, acreditava tratar-se de um nome próprio, o que narrado no romance *Infância* pode causar risos no leitor. Estamos, portanto, diante de uma situação de comunicação que não alcançou seu objetivo. O sujeito-enunciador utilizou uma expressão linguística que ele acreditaria ser entendido pelo seu sujeito-destinatário. O enunciado, porém, não foi interpretado pelo aluno, o que causou a falha comunicativa.

É evidente que tais memórias podem ter sido reais ou não. Entretanto, o que importa é o posicionamento do romancista sobre o assunto e a imagem que ele constrói para si e para o outro deixando transparecer sua visão de mundo. Nesse sentido, percebemos que tanto o “eu” - escritor-crítico quanto o “eu”-professor de Ramos fazem parte dos trechos de *Infância* por nós destacados neste segmento. Vale ressaltar que durante alguns anos Ramos foi professor de Francês. Assim, as experiências de vida do professor que se torna escritor podem ter se misturado aos, ou pelo menos influenciado os, fatos narrados sobre sua infância.

Seguindo o pensamento, podemos afirmar que a memória individual pode ser percebida por meio das experiências íntimas que Graciliano Ramos obteve ao deparar-se com o livro infantil, do excerto anterior, e com a expressão “ter-te-ão” da carta do trecho acima. Já a memória coletiva, pode ser apreendida por meio da inserção de outras vozes e de outros sujeitos.

O escritor nordestino também conta, no mesmo livro, as diversas violências que os negros sofriam nas mãos dos seus empregadores. São várias as situações narradas dentro desse tema e nelas percebemos uma ideologia racista e de propriedade dos patrões brancos em face aos empregados negros. O pai de Graciliano era um dos vários agressores que havia na cidade, assim como era também a figura de Chico Brabo. Este último, porém, foi uma surpresa para Ramos, pois ele o via como uma pessoa bondosa, mas que em casa, revelava-se um ser bastante agressivo. Como em uma situação, descrita em *Infância*, na qual o menino-personagem presencia uma agressão feita por Chico Brabo ao seu jovem empregado, João. Diante disso, o romancista faz a seguinte reflexão sobre as máscaras de identidade que o sujeito manipula quando está na rua e quando está em casa:

Duas figuras me perseguiram na doença prolongada: o sujeito amável, visto na rua, e a criatura feroz da sala de jantar. As discrepâncias avultavam, acumulavam-se – e era difícil admitir que alguém fosse tão generoso e tão cruel. [...] Onde estava Chico Brabo? Qual dos dois era o verdadeiro Chico Brabo? Estarrecia-me esse desdobramento. [...] Chico Brabo parecia-me dois seres incompatíveis. Em vão tentei harmonizá-los. As lembranças multiplicavam-se, exageravam-se. Arriado na cama de lona, as pálpebras coladas, via distintamente um deles. Os ouvidos excitados na cegueira fixavam-me na imaginação o segundo (RAMOS, 2008, p. 129).

Nas memórias juvenis do autor, compreendemos sua aflição ao presenciar tamanhas violências contra o ser humano e as mudanças das atitudes/personalidades de certos seres que ele até então apreciava. Desse modo, estamos diante de um “eu” do passado juntamente com um “eu” do presente que crítica as máscaras destes indivíduos que constroem uma imagem benevolente de si, sociável, amigável, mas que conforme as situações em que não precisam mais sustentar tal imagem, deixam aflorar outros “eus” contraditórios, violentos, como o caso acima da figura de Chico Brabo.

A memória individual que faz parte deste excerto, pode ser apreendida por meio das emoções e das impressões que foram causadas devido à atitude da figura de Chico Brabo. Podemos inferir que o menino Graciliano Ramos demonstrou sentir medo e estranhamento pela diferença de personalidade que o outro personagem apresenta. Essa experiência na infância do escritor suscita sentimentos íntimos que só podem ser contados na íntegra pelo seu próprio ponto de vista, tornando-se, portanto, uma memória individual. Ao depararmos com a memória coletiva estamos diante de outras vozes que estão presentes no discurso. Estas que podem ser compreendidas com a inserção de outro sujeito, nesse caso, o personagem Chico Brabo. Como, aliás, as vozes do “eu” do presente do romancista por meio das avaliações e julgamentos sobre o comportamento alheio.

Podemos citar outro trecho, em *Infância*, que narra um acontecimento no qual uma mulher negra é morta por causa de um incêndio em sua casa. O jovem personagem de Graciliano Ramos vai até o local para ver o corpo e fica horrorizado ao vê-lo totalmente destruído, volta para casa e narra o que viu aos seus pais. Ele ouve dos seus pais que o caso não foi muito ruim, uma vez que poderia ter acontecido um incêndio na igreja ou no comércio e, dessa maneira, poderiam ter morrido pessoas mais importantes. A mulher que morrera, portanto, nada significa para os pais do escritor, pois era negra e pobre, como podemos observar em:

Arrepiava-me, repetia a descrição, excitava-me tanto que meus pais tentaram acalmar-me, reduzir o sinistro. Não havia motivo para a gente se aperrear. Fora uma infelicidade, sem dúvida. Mas era a vontade de Deus, estava escrito. E podia ser pior, muito pior. Se se tivesse queimado a igreja, ou a loja de seu Quinca Epifânio, a

mais importante da vila, o dano seria tremendo. Deus era misericordioso: contentava-se com uma habitação miserável, situada longe da rua, e com o sacrifício de uma preta anônima. Não me convenci. A loja de seu Quinca Epifânio e a igreja não tinham nada com o negócio. Eu não vira incêndio na igreja nem na loja de seu Quinca Epifânio: uma choupana destruída, e a choupana crescia, igualava-se às construções de tijolo. Seu Quinca Epifânio e padre João Inácio estavam vivos. Se tivessem morrido no fogaréu, não seriam mais nojentos que a negra (RAMOS, 2008, p. 80).

Diante das palavras utilizadas pelos pais de Ramos, estamos diante de uma crença que acredita que a morte da mulher negra somente aconteceu pela vontade de Deus, assim deparamos com uma crença religiosa. Contrapondo às ideias dos pais, surge a voz de Graciliano para afirmar que a choupana da mulher se igualava às construções de tijolos e refuta que o acidente foi por vontade de Deus, como assim os pais acreditavam.

Isto posto, é possível delinear a emersão de um “eu” empático de G. Ramos quanto ao incidente que ocorreu com a mulher. Dessa maneira, ao narrar sobre as suas memórias de vida, estão ali presentes um “eu” do presente que carrega em si diversas crenças, experiências, ideologias que se associam às experiências do “eu” do passado. Nesse sentido, podemos considerar que os acontecimentos que ocorreram na infância do escritor podem servir para uma afirmação das características identitárias do “eu” do presente. Como nesse caso, por exemplo, no qual a atitude dos pais pode ser um fato que proporciona ao escritor a oportunidade de afirmar, ou de reafirmar, seus posicionamentos socialistas por intermédio do processo da escritura de um livro sobre suas memórias.

Nas lembranças narradas, estará entrelaçado no discurso o “eu” do passado, que relembra os fatos, com o “eu” do presente, que pode fazer o julgamento destes. Com essa perspectiva, podemos compreender que as lembranças da visão de um cadáver, bem como a reação dos seus pais, podem gerar um julgamento sobre o posicionamento da sua família.

Por fim, estamos diante da memória individual e da memória coletiva. A memória individual pode ser percebida por meio da experiência íntima, com os sentimentos de medo e horror que o menino G. Ramos sentiu ao deparar-se com um corpo. Esta lembrança pode fazer emergir um “eu” do passado assustado e temeroso com o desconhecido. Já a memória coletiva pode ser observada com a presença de outras vozes, de outros sujeitos e de saberes de crença. Percebemos outras vozes com a inserção do discurso dos pais do escritor sobre o acontecido, como também a inclusão de outros sujeitos, como a mulher falecida, o personagem de Seu Quinca Epifânio e o Padre Inácio. Será na memória coletiva que poderemos observar o posicionamento de G. Ramos na dimensão do “eu” do presente. Nesse sentido, o acontecimento do passado pode servir para uma afirmação das crenças do escritor, desse

modo, a refutação e a avaliação que ele faz ao discurso dos pais sobre a morte da mulher pode ser considerada como um modo para expor sua opinião e seu julgamento sobre o acontecido.

Considerações Finais

Conseguimos observar, nesse trabalho, que o processo de escritura de uma autobiografia pode servir como um processo de afirmação sobre os posicionamentos do autor enquanto ser social. Será, portanto, viável afirmar que em uma escritura motivada pelas memórias do passado, estarão presentes alguns traços da identidade do autor, como a visão de mundo, como adesão à algumas ideologias e as crenças que são do momento presente da produção do romance. Por esse motivo, sempre o “eu” do presente estará imerso no discurso da memória para narrar um “eu” do passado.

Esse “eu” do presente pode ser observado com os julgamentos e as opiniões do escritor, desse modo, revela-se um “eu” julgador que relembra os fatos do passado sob uma ótica de avaliador sobre os seus próprios comportamentos como também sobre as atitudes alheias.

Outro ponto que se destaca é a divisão dos “eus” que podem ser observados nos trechos analisados. Percebemos que na autobiografia, o autor pode fazer avaliações e julgamentos de fatos ou ações que emergem ao discursivizar as memórias. Desse modo, haveria uma deliberação interna no sujeito escritor por meio dos diversos “eus” que emergem no discurso para apontar algum posicionamento face a algum acontecimento, ou à alguma crença ou à alguma ideologia. Nesse sentido, o “eu” do presente pode servir-se das suas lembranças para afirmar ou reafirmar traços de sua identidade e de sua personalidade por meio das avaliações e das reflexões sobre os fatos do passado. Enfim, podemos considerar que o processo de escritura das memórias de vida de um sujeito acontecerá sob uma constante relação entre o “eu” do passado com o “eu” do presente.

Referências:

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. **Graciliano Ramos**: cidadão e artista. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

BAKTHIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. 5ª ed. São Paulo: Editora Hucitec Annablume, 2002.

BASTOS, Hemegerildo. Prefácio In: BRUNACCI, Maria Izabel. **Graciliano Ramos: um escritor personagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BRUNACCI, Maria Izabel. **Graciliano Ramos: um escritor personagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, [1983] 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006
LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MOIRAND, S. Discours, memories et contexts: à propôs du fonctionnement de l' allusion dans l' apresse. In: **Estudos da língua(gem)**. Vitoria da Conquista, V. 6, n. 1, p. 7 -46, 2008.

MACHADO, Ida Lucia. A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. **Bakhtiniana**, São Paulo, Número 9 (1): 108-128, Jan./Jul. 2014.

_____. Percursos de vida que se entremeia a percursos teóricos. In: SANTOS, S.P. & MENEZES, W. A. **Discurso, Identidade, Memória**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2015, p. 83-96.

_____. Notas tomadas no curso **STV em Linguística do Texto e do Discurso: Identidades, Emoções e Imaginários discursivos**, ministrado pela Professora Doutora Ida Lucia Machado, no Poslin da FALE/UFMG, no primeiro semestre de 2016.

MORAES, Dênis de. **O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____. **Infância**. 41ª ed. Rio de Janeiro: Record, [1945] 2008.

_____. **Angústia**. 64ª ed. Rio, São Paulo: Record, [1936] 2009.

_____. **Memórias do Cárcere**. Rio de Janeiro: Record, [1980] 2008.

_____. Entrevista de Graciliano Ramos concedida em 1948. Trecho em versão eletrônica da **Revista Travessias** Ed. XIV. ISSN 192-5935. P. 268-273. Publicada em 2008. Disponível em: <www.unioeste.br/travessias> acesso em 26 de Julho de 2014.

PAVEAU, M. A. Retrouver la mémoire. **Parcours épistémologique et historique**. Université de Paris, 13, Villetaneuse, 2005. <http://www.discurso.ufrgs.br/sead/simposios.html>. Acesso em Setembro de 2016.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, J. B. C. O *pathos* da memória na identificação de práticas de leitura. In: MENDES, E., MACHADO, I. L. **Emoções no discurso volume II**. Campinas –SP: Mercado de Letras, 2010, p. 113 – 122.

THE MULTIPLE “ME” IN THE NARRATED MEMORIES OF GRACILIANO RAMOS

Abstract

The objective of this paper is analysis the múltiples of "me" tha can be observeded in two autobiografic of Graciliano Ramos, *Infância* (1945) and *Memórias do Cárcere* (1980). In *Infância*, the narrated memories are of the infancy of author until fourteen years old. In *Memórias do Cárcere*, posthumous novel, the narrated memories are during the time he was in prison. We believe that in the processo of the write a autobiografic, the remembred and narrated memories can be helping in hte process of afirmation of "me" of tthe author. In this case, the afirmation of “me” of the Graciliano Ramos will be observed by placements of the author. For this, in a first moment, we will adopt the concept of memory of HALBWACS (2006), for investigate how the “me” of past, in *Memórias do Cárcere*, is narreted in individual memory and coletive memory. In a second moment, we will adopt the concept of MACHADO (2014) for analisis how the “me” of the author are showed in *Infância*.

Keywords

Memory. “Me”. Discourse Analisis. Graciliano Ramos.